

## ARTIGO ORIGINAL

# HOMENS IDOSOS E VIOLÊNCIA NA VELHICE: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

## OLDER MEN AND VIOLENCE IN OLD AGE: A STUDY OF SOCIAL REPRESENTATIONS

Susanne Pinheiro Costa e Silva<sup>1</sup>

Maria Joycielle de Lima Maciel<sup>2</sup>

Emília Carolina Félix Rosas de Vasconcelos<sup>3</sup>

Amanda Alana Rodrigues de Lima<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Enfermagem. Doutora em Psicologia. Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), vinculada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Gerontologia.

<https://orcid.org/0000-0002-9864-3279>

<sup>2</sup>Graduada em Enfermagem. Mestra em Gerontologia. Coordenadora do Controle de Infecção Hospitalar da Pbsaúde.

<https://orcid.org/0000-0001-6955-5715>

<sup>3</sup>Graduada em Enfermagem. Residente em Enfermagem Obstétrica pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<https://orcid.org/0000-0002-0333-5733>

<sup>4</sup>Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

<https://orcid.org/0000-0003-3576-3502>

### Resumo

O estudo buscou analisar as representações sociais da violência contra a pessoa idosa sob a ótica de homens gerontes. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, fundamentada no referencial teórico-metodológico das Representações Sociais. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 18 idosos residentes na comunidade, cujos dados foram processados pelo software IRAMUTEQ e organizados por meio da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Os resultados revelam que as representações sociais acerca da violência encontram-se ancoradas em fatores relacionais, que a expressam como um fenômeno multifacetado capaz de atingir os mais variados perfis de pessoas na terceira idade; nas vulnerabilidades inerentes ao processo de envelhecimento, que potencializam a vulnerabilidade; no ambiente comunitário e no entorno familiar, identificados como os principais perpetradores das diversas ações violentas; culminando na possibilidade de prevenção do fenômeno mediante o engajamento da sociedade civil. Ademais, os participantes evidenciaram os profissionais de saúde como agentes estratégicos na interrupção do ciclo de violência, ressaltando a necessidade de políticas públicas mais efetivas. Elencou-se, ainda, que o fenômeno é manifestado predominantemente por meio de atitudes desrespeitosas e danos físicos. Conclui-se que as representações sociais desveladas indicam uma forte influência do senso comum, que rotula os indivíduos na terceira idade como frágeis e vulneráveis, tornando-os vítimas potenciais. Esse cenário reforça a urgência de ampliar o debate sobre a temática nas comunidades.

### PALAVRAS-CHAVE

Envelhecimento. Violência contra a pessoa idosa. Vulnerabilidade em Saúde. Pessoa idosa.

### Abstract

The study aimed to analyze the social representations of violence against older adults from the perspective of older men. This is a qualitative research study grounded in the theoretical-methodological

framework of Social Representations. Semi-structured interviews were conducted with 18 community-dwelling older adults, and the data were processed using the IRAMUTEQ software and organized through Descending Hierarchical Classification (DHC). The results reveal that social representations of violence are anchored in relational factors, expressing it as a multifaceted phenomenon capable of affecting the most varied profiles of people in old age; in the vulnerabilities inherent to the aging process, which heighten susceptibility; and in the community environment and family setting, identified as the main perpetrators of various violent acts; ultimately pointing to the possibility of preventing this phenomenon through civil society engagement. Furthermore, participants highlighted healthcare professionals as strategic agents in breaking the cycle of violence, emphasizing the need for more effective public policies. It was also noted that the phenomenon manifests predominantly through disrespectful attitudes and physical harm. In conclusion, the unveiled social representations indicate a strong influence of common sense, which labels individuals in old age as frail and vulnerable, making them potential victims. This scenario reinforces the urgency of broadening the debate on this topic within communities.

#### KEYWORDS

Aging. Elder Abuse. Health Vulnerability. Aged.

## 1 Introdução

Nas últimas décadas, observa-se um avanço acelerado da longevidade em nível mundial, o que se configurou como um dos grandes desafios para o século XXI. Embora o envelhecimento populacional seja uma realidade consolidada e em expansão para as próximas décadas, o verdadeiro êxito dessa transição demográfica reside na oportunidade de os indivíduos vivenciarem a longevidade com autonomia, saúde integral e bem-estar (VERAS, 2024).

Estima-se que o envelhecimento populacional no Brasil ocorra em um ritmo substancialmente mais acelerado do que o registrado historicamente nas nações desenvolvidas, prevendo-se a duplicidade na proporção de idosos ao passar de 10% para 20% do contingente total. Sob essa tendência, projeta-se que, até meados de 2031, o volume de indivíduos idosos supere o de crianças, consolidando uma inédita inversão da pirâmide demográfica nacional (MREJEN; NUNES; GIACOMIN, 2023).

Frente a essa nova realidade demográfica, o cuidado voltado à população com 60 anos ou mais consolida-se como meta prioritária. Esse panorama exige um reexame atento e a adoção de abordagens inovadoras que contemplem a heterogeneidade da velhice. Torna-se premente a consolidação de um modelo pautado em ações educativas e de promoção da saúde que estimulem a autonomia e a liderança do idoso em seu cotidiano, alinhado ao incentivo a hábitos saudáveis, ao rastreamento sistemático e a intervenções precoces focadas na reabilitação e no combate a agravos que comprometam a qualidade de vida (VERAS, 2025).

Para tanto, compreender as disparidades e confluências nas condições de saúde e no acesso aos serviços em variados cenários assistenciais é premissa basilar para fundamentar linhas de cuidado à população idosa.

Nesse panorama, cumpre aos equipamentos de saúde e de assistência social assegurar a continuidade do cuidado e o suporte integral ao longo e seu núcleo familiar, sobretudo diante das vulnerabilidades inerentes a cada contexto (NERI et al., 2023).

É inegável que as alterações morfofisiológicas, psicológicas e sociais inerentes ao envelhecimento desencadeiam transformações que tornam a velhice uma etapa de maior vulnerabilidade, a qual tende a ser agravada por quadros de adoecimento, pobreza, marginalização e isolamento social (DAMACENO et al., 2024). Em razão disso, idosos podem mostrar-se particularmente suscetíveis a situações abusivas. Tais limitações podem incluir déficits cognitivos e confusão mental, que comprometem a capacidade de defesa do indivíduo, criando um contexto propício para a ocorrência de violências perpetradas por terceiros (CAMACHO et al., 2024).

Esse panorama justifica-se pelo fato de que o aumento da dependência física ou cognitiva passa a exigir maior dedicação e tempo por parte dos cuidadores para o auxílio nas atividades diárias. Em muitos casos, esse envolvimento contínuo gera sobrecarga, desconforto e estresse psicológico no cuidador, culminando em sentimentos de frustração, comportamentos abusivos, violência e negligência (BAJPAI et al., 2020).

É sabido que a violência contra a pessoa idosa (VCPI) se manifesta por meio de tipologias distintas, dentre as quais se destacam as violências física, psicológica, sexual, financeira e a negligência. Os idosos expostos a tais episódios podem sofrer essas agressões de modo isolado ou combinado, ocorrendo predominantemente no âmbito familiar. A perpetração de maus-tratos, sejam eles esporádicos ou repetitivos, resulta em sofrimento severo, lesões corporais, angústia crônica e insatisfação com a vida, configurando-se como fatores que predis põem o indivíduo à depressão (ALENCAR JÚNIOR; MORAES, 2018).

Investigação de abrangência nacional revelou que aproximadamente 10% das pessoas idosas relataram ter sido vítimas de violência. Em ambos os sexos, o autorrelato desse agravo associou-se à faixa etária de 60 a 69 anos, à residência em zona urbana, à autoavaliação de saúde regular, à presença de sintomas depressivos e à multimorbidade. Não obstante, a literatura evidencia que os determinantes associados ao fenômeno diferem segundo o sexo (ANDRADE et al., 2025).

Embora a VCPI seja amplamente reconhecida como um grave problema sociopsicológico e de saúde pública, ela ainda é insuficientemente abordada e gravemente subnotificada, estando disseminada tanto em países desenvolvidos quanto naqueles em desenvolvimento (SINHA et al., 2021). Estudos de abrangência global revelam que um em cada seis idosos sofre alguma forma de abuso na comunidade (YON et al., 2017).

De acordo com pesquisas realizadas no Brasil, os homens idosos estão estatisticamente mais propensos a sofrer abandono, bem como violências físicas e sexuais. No entanto, as notificações formais desses atos não retratam com exatidão a realidade epidemiológica do país devido à escassez de dados consistentes, cenário motivado, sobretudo, pelo sentimento de vergonha das vítimas em oficializar as denúncias (CRIPPA et al., 2016).

Tais manifestações da VCPI refletem o descaso histórico voltado a esse segmento populacional. Fatores sociais, assimetrias de gênero e o idadismo estrutural — que perpetuam no imaginário social a velhice como sinônimo de declínio e improdutividade — atuam como vetores de opressão, contruindo para a manutenção deste tipo de violência. Embora a promulgação do Estatuto da Pessoa Idosa busque assegurar novas perspectivas de vida e desconstruir mitos e estigmas, a transformação dessas representações permanece em transição, exigindo tempo para o amadurecimento e a consolidação de novos paradigmas culturais (SILVA et al., 2023).

Ao compreender que as representações sociais exercem influência direta sobre as atitudes e comportamentos, optou-se por respaldar este estudo na Teoria das Representações Sociais (TRS). Essa abordagem teórico-metodológica possibilita uma compreensão aprofundada das percepções dos idosos acerca da violência diante do seu próprio processo de envelhecimento. Diante da complexidade e da relevância desse debate, emerge a seguinte questão norteadora: Quais são as representações sociais de homens idosos sobre o fenômeno da violência na velhice? Para responder a esse questionamento, o presente estudo teve como objetivo analisar as representações sociais da violência contra a pessoa idosa para homens gerontes.

## 2 Método

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, fundamentado no referencial teórico-metodológico das Representações Sociais. O cenário da pesquisa foi uma Unidade Básica de Saúde (UBS), pertencente ao Distrito III, em João Pessoa, Paraíba, Brasil. O local integra a rede de Atenção Primária à Saúde do município, atuando na Estratégia Saúde da Família, oferecendo atendimento multiprofissional contínuo e preventivo a uma comunidade marcada por expressiva densidade demográfica e diversidade socioeconômica, ambiente a partir do qual foram selecionados 18 homens idosos residentes na comunidade.

A amostragem deu-se por conveniência, mediante a indicação dos profissionais de saúde da referida unidade, adotando-se os seguintes critérios de inclusão: ser usuário cadastrado e acompanhado no serviço de saúde de referência onde ocorreu a seleção; ter idade igual ou superior a 60 anos; e ser do sexo masculino. Não foram estabelecidas restrições quanto à idade máxima dos participantes.

Como critério ético essencial, incluíram-se apenas os indivíduos que concordaram em participar voluntariamente da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram adotados como critérios de exclusão: apresentar declínio cognitivo evidente e/ou graves dificuldades de comunicação que impedissem a entrevista, bem como limitações logísticas ou sanitárias impostas pelas restrições da pandemia de COVID-19.

A triagem de possível déficit cognitivo foi realizada por meio do Mini Exame do Estado Mental (MEEM), cujo escore final decorre da somatória das pontuações obtidas nas diferentes funções avaliadas. Como critério de elegibilidade, adotou-se o ponto de corte de 24 pontos: indivíduos com escore igual ou inferior a esse valor foram classificados com indicativo de déficit cognitivo, ao passo que pontuações superiores indicaram ausência de alterações.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de março a maio de 2021, por meio de um questionário estruturado para a caracterização sociodemográfica da amostra e de entrevistas semiestruturadas individuais, executadas mediante agendamento prévio, com duração média de 30 minutos por sessão.

A abordagem foi realizada a partir das indicações da equipe de saúde da família em que os participantes eram acompanhados e a entrevistadora encontrava-se desenvolvendo estágio supervisionado na localidade e, portanto, familiarizada com a comunidade. Os idosos foram selecionados por conveniência e a entrevista ocorreu na própria unidade de saúde, em sala reservada, minimizando possíveis desconfortos ou riscos.

Os depoimentos foram gravados em dispositivo digital e transcritos na íntegra. O encerramento da coleta ocorreu pelo critério de saturação teórica da informação, verificado no momento em que as falas não agregavam novos elementos conceituais ao esclarecimento do fenômeno investigado.

Este estudo cumpriu rigorosamente as diretrizes éticas preconizadas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, iniciando-se a coleta de dados somente após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Visando assegurar o anonimato dos participantes, os fragmentos de falas foram identificados por códigos alfanuméricos aleatórios (P1 a P18).

Para a análise de dados, as informações dos questionários sociodemográficos foram consolidadas em um banco de dados e processadas com o auxílio do software SPSS Statistics, gerando estatísticas descritivas apresentadas em frequências. Por sua vez, o conjunto das entrevistas transcritas constituiu o corpus textual, o qual foi processado pelo software IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires, versão 0.7 alpha 2). Esse programa executa análises estatísticas sobre textos, tais como a pesquisa de especificidades, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), a análise de similitude e a nuvem de palavras (CAMARGO; JUSTO, 2013), mapeando o núcleo central das representações sociais.

No presente estudo, utilizou-se a técnica da CHD, na qual os segmentos de texto são classificados em função de seus respectivos vocabulários, segmentando-os a partir da frequência das formas reduzidas. Esse tratamento estatístico visa isolar classes textuais que apresentam vocabulário internamente homogêneo, mas significativamente distinto das demais classes (CAMARGO; JUSTO, 2013). A relação de proximidade e oclusão entre as classes foram ilustradas graficamente por meio de um dendrograma, organizado pelo Iramuteq e apresentado no texto. Posteriormente, aplicou-se a Análise de Conteúdo Temática para a interpretação hermenêutica e discussão dos resultados gerados pelo software.

### 3 Resultados

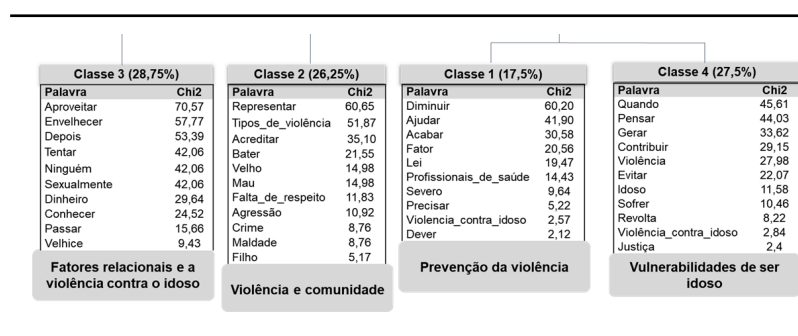
#### CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES

A faixa etária dos integrantes do estudo situou-se entre 60 e 78 anos, com uma média de 69,56 anos. No que tange ao perfil sociodemográfico, metade dos participantes autodeclarou-se preta ou parda (50%); a maioria era casada (61,1%) e residia com familiares (72,2%). Uma parcela expressiva declarou-se aposentada (72,2%), com renda familiar mensal variando de 1 a 5 salários-mínimos (77,8%), e possuía, no mínimo, o ensino médio completo (61,1%).

#### REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os dados textuais provenientes das entrevistas compuseram o corpus analítico, o qual foi segmentado em 109 Unidades de Contexto Elementares (UCE). O processamento obteve um aproveitamento de 73,39% dos segmentos de texto por meio da CHD, atestando a robustez estatística e a aproximação lexical para a constituição das classes. O dendrograma (Figura 1) ilustra as divisões e subdivisões efetuadas no corpus, originando as categorias analíticas.

Figura 1 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente sobre violência à pessoa idosa para homens gerontes. João Pessoa, Paraíba, Brasil.



Fonte: Elaborada pelas autoras com base no IRAMUTEQ

O corpus das entrevistas organizou-se em dois grandes eixos temáticos complementares. O Primeiro Eixo englobou a Classe 3, que perfaz 28,75% do total de UCE analisadas, recebendo a denominação de "Fatores relacionais e a violência contra o idoso". O Segundo Eixo concentrou as demais UCE (71,25%), subdividindo-se em três classes: Classe 2 ("Violência e comunidade"), Classe 1 ("Prevenção da violência") e Classe 4 ("Vulnerabilidades de ser idoso").

Ressalta-se que na CHD, a numeração das classes no dendrograma reflete a cronologia das partições estatísticas do corpus textual, não a posição final em que as classes são organizadas na figura. Portanto, os números das classes funcionam como identificadores atribuídos durante o processamento estatístico, enquanto a disposição final das colunas representa a proximidade e a hierarquia temática entre as classes, não obedecendo a uma ordem numérica sequencial na apresentação das mesmas (CAMARGO; JUSTO, 2013).

#### Fatores relacionais e a violência contra o idoso

Na Classe 3, os fatores relacionais do modelo ecológico sobressaem-se no atrito entre as expectativas do idoso com suas redes primárias e as dinâmicas interpessoais adversas do cotidiano. A expressiva significância estatística de termos como 'Dinheiro' e 'Sexualmente' desvela conflitos interpessoais diretos no seio familiar e afetivo, pautados no abuso patrimonial/financeiro por familiares e nas vulnerabilidades da intimidade.

Sob a ótica dos entrevistados, o envelhecer idealizado deveria configurar-se como uma oportunidade para a realização de desejos e projetos postergados no passado. Contudo, reconhecem que as relações interpessoais estabelecidas na contemporaneidade podem acarretar uma dinâmica existencial adversa, marcada pela ocorrência de situações violentas. Ademais, a busca pelo afeto e pela realização de vontades esbarra na ocorrência de violências verbais e atitudes de desconsideração no convívio interpessoal com familiares e amigos, demonstrando como os microssistemas relacionais se convertem em cenários de manifestação do agravo.

Majoritariamente, os episódios citados advinham de experiências observadas em terceiros ou reproduzidas pelos meios de comunicação de massa, uma vez que a quase totalidade do grupo negou ter sofrido violência direta no seio familiar. Os recortes textuais a seguir ilustram essas concepções:

“Depois de envelhecer, não deveria ter violência. Tinha que ser diferente! Cuidar, sair, realizar aquilo que o idoso deseja. É muito importante ser querido, fazer o que tem vontade, mas nem sempre é assim...” (P11).

“Conheço idoso que sofre violência depois que ficou velho. É triste demais, porque você é muito desconsiderado quando fazem isso. Eu mesmo já sofri violência também, de forma verbal, no meio de amigos. É horrível!” (P03).

#### Violência e comunidade

As informações que subsidiam as ideias expressas na Classe 2 dimensionam a violência como um fenômeno social complexo que se manifesta sob múltiplos formatos, com ênfase nas práticas cotidianas de desrespeito ao idoso. Os vocábulos mais frequentes associados a esta classe foram: Representar, Tipos de violência, Acreditar, Bater, Velho e Falta de respeito, trazendo à tona atos comissivos e omissivos vivenciados por aqueles que sofrem o agravo.

No decorrer dos depoimentos, as atitudes violentas foram categorizadas em diferentes vertentes. Todavia, por se tratar de um estrato amostral estritamente masculino, observou-se uma tendência esperada de centralização discursiva em torno da agressão física e dos maus-tratos explícitos. Não obstante, os idosos reconheceram que qualquer modalidade de VCPI gera danos profundos e perenes, independentemente do seu mecanismo de execução, como evidenciado nos trechos:

“Violência representa falta de respeito muito grande com os idosos. Muitos sofrem chantagens na família por causa do seu dinheiro” (P07).

“Dizer xingamentos como ‘velho safado’, ‘chato’, ‘você não serve para nada’, ‘você já deveria ter morrido’... isso também é violência!” (P09).

“Acredito que a violência contra o idoso seja uma discriminação muito grande porque os jovens acham que não vão ficar velhos. Eu mesmo não gosto de ser chamado de coroa e de velho” (P04).

#### Prevenção da violência

Na Classe 1, as representações sociais orbitam em torno das estratégias e ações coletivas necessárias para minimizar a ocorrência da VCPI, sugerindo caminhos práticos para a obtenção de melhorias na qualidade de vida. As falas pautam-se no universo reificado da saúde e do direito, discutindo a imperiosa necessidade de mitigar tais agravos com base nos vocábulos preponderantes: Diminuir, Ajudar, Acabar, Fator e Profissionais de saúde.

Ao caracterizarem os maus-tratos como eventos passíveis de prevenção, os participantes elencaram esforços articulados em três níveis estruturais: a consolidação de políticas públicas protetivas mais severas; a educação da população acerca dos cuidados éticos com os familiares idosos; e uma atuação mais robusta dos profissionais de saúde no que concerne à identificação precoce e à notificação compulsória dos casos, conforme explicitado nos relatos:

“A violência contra o idoso pode ser evitada. Deve-se ter mais organização, autoridade e políticos e governantes para agir e criar leis mais severas. Tem que acabar com a impunidade dos agressores!” (P03).

“Isso tá longe de ser conquistado, mas só com a escola pode acabar a violência. Lá, eles devem aprender a cuidar do próximo, dos filhos e da família, principalmente de quem fica velho” (P09)

“Para evitar a violência deve-se falar mais sobre o assunto em Tv e rádio. Assim os idosos saberão se proteger e a quem recorrer em nessas situações” (P08)

“É muito difícil intervir na família, mas os profissionais de saúde podem conhecer mais as famílias, serem mais próximos. Devem notificar os órgãos competentes para realizar audiência e punições aos agressores quando perceberem essas situações de violência” (P13).

### Vulnerabilidades de ser idoso

A Classe 4 expõe as representações ancoradas no conhecimento partilhado no universo consensual de que o processo de envelhecimento biológico impõe limitações intrínsecas. Sob esse enfoque, os fatores biológicos do idoso são percebidos como entraves que geram debilidades clínicas e vulnerabilidade, correlacionando-se intimamente com o risco de VCPI. Ademais, os participantes inferem que certas violências são perpetradas como mecanismos de demonstração de poder do agressor sobre o geronte, sendo essa assimetria exarada pela redução da autonomia do idoso. Os termos com maior associação estatística a esta classe foram: Quando, Pensar, Gerar, Contribuir, Violência, Evitar, Idoso e Sofrer. Os trechos a seguir traduzem essas percepções:

“Tem pessoas que pensam que o idoso só dá prejuízo, dá trabalho. Então a falta de paciência das pessoas que cuidam deles gera violência” (P15).

“Alguns fatores que levam à violência contra o idoso é o fato dele ser dependente de outras pessoas” (P02).

“Quem faz isso geralmente quer mostrar que pode mais. Os idosos são ignorantes, não sabem entender as coisas e evitar a situação. Daí fica por isso mesmo, não tem lei, não acontece nada com quem faz” (P05).

## 4 Discussão

O modelo ecológico proposto pela Organização Mundial da Saúde (OMS) postula que a violência consiste em um fenômeno complexo e multicausal. Sob essa ótica, as manifestações violentas — especialmente as de natureza interpessoal — derivam da interação dinâmica entre fatores macroestruturais, comunitários, relacionais e individuais, os quais constroem cenários que podem facilitar ou inibir a ocorrência desses agravos (MORAES et al., 2020).

Não obstante, a literatura científica aponta consistentemente que a violência contra a pessoa idosa é um evento global que acomete majoritariamente as mulheres (RODRIGUES et al., 2019b). Os homens, em contrapartida, tendem a ser vítimas mais frequentes de agressões físicas no espaço público ou comunitário, fator que pode ter modulado as representações sociais expressas nesta pesquisa, dado que muitos participantes evocaram a agressão física como elemento central da violência na terceira idade.

Embora a maioria dos discursos reitere que os participantes não vivenciaram eventos violentos diretos em suas trajetórias pessoais, o envelhecimento foi significado como uma experiência singular, permeada por vetores positivos e negativos. Para os idosos entrevistados, o envelhecer está intimamente vinculado a um estado de debilidade do corpo e vulnerabilidade para a VCPI. Tais concepções denunciam a urgência crônica de formulação de políticas públicas que deem suporte a um contingente populacional em franca expansão, protegendo-o contra as ameaças que vulnerabilizam suas perspectivas de vida. A sociedade contemporânea percebe e experiencia a velhice a partir de variadas condições de (im)possibilidade, carecendo de um enfrentamento incisivo dos estigmas e da valorização dos movimentos de resistência gerontológica (SILVA; POCAHY, 2021).

Considerando que a trajetória humana ao longo do ciclo vital é construída culturalmente e vivenciada de forma idiossincrática, ressalta-se que cada fase do desenvolvimento determina potencialidades específicas. Estudo conduzido com idosos na América Latina e Caribe identificou que as maiores proporções de gerontes ativos e satisfeitos concentram-se em homens mais jovens, casados, com maior nível de escolaridade e bom

engajamento social (RODRIGUES et al., 2019a). Tais atributos assemelham-se às características sociodemográficas do perfil amostral desta investigação, o que pode justificar o tom crítico e a capacidade de distanciamento empírico observados nos discursos em relação à violência direta.

No tocante às características dos abusos sofridos, dados de um inquérito nacional conduzido nas cinco macrorregiões do país apontam que 1 em cada 10 idosos relatou ter sido vítima de algum tipo de agressão, sobressaindo-se a violência psicológica como a tipologia mais recorrente. A faixa etária de 60 a 69 anos apresentou maior prevalência de autorrelato de violência em ambos os sexos. Especificamente no estrato masculino, a maior ocorrência também esteve associada a essa faixa etária, à autodeclaração de raça/cor não branca, à residência em zona rural, à autoavaliação negativa de saúde e à presença de sintomatologia depressiva (ANDRADE et al., 2025).

Infere-se, portanto, que a real magnitude da VCPI no Brasil pode ser ainda superior, visto que o referido inquérito não mensurou dimensões cruciais como a negligência e o abuso financeiro, agravos expressivamente frequentes no público longo (ANDRADE et al., 2025). A omissão das denúncias por parte das vítimas está frequentemente associada ao sentimento de vergonha, ao medo de retaliação, ao receio de romper laços afetivos familiares e ao risco iminente de perder a autonomia financeira ou a própria moradia.

Alguns discursos analisados desvelam representações enraizadas que buscam justificar a ocorrência dos atos violentos por meio de dinâmicas comunitárias permeadas pelo preconceito estrutural contra a velhice. Devido ao desgaste biológico natural do corpo, que pode comprometer o pleno desempenho das atividades cotidianas, o idoso passa a ser erroneamente percebido como um sujeito descartável e improdutivo no próprio núcleo familiar. Sob essa lógica discriminatória, alguns longevos manifestaram a crença de que a mera condição de ser idoso constitui um fator gerador de violência.

O risco de sofrer violência eleva-se proporcionalmente ao incremento da debilidade clínica. À vista disso, a articulação entre as características individuais e os tipos de violência revela associações significativas, sendo a negligência emocional e o abuso psicológico as modalidades mais incidentes na literatura gerontológica (HAZRATI et al., 2020). Os relatos condensados na Classe 2 demonstram o sofrimento subjetivo do idoso ao lidar com estereótipos persistentes, os quais disseminam formas de violência simbólica na comunidade de maneira sutil e quase imperceptível. Nesse cenário, o preconceito etário — também denominado etarismo, idadismo ou ageism — merece destaque por contribuir diretamente para a naturalização da discriminação e para a marginalização social da pessoa idosa (FLORENCIO; MEZZAROBÀ, 2026).

Compreende-se a necessidade imperiosa de investir na educação intergeracional, conscientizando tanto jovens quanto os próprios idosos para o reconhecimento precoce dos ciclos de violência, coibindo a perpetuação desses atos. Identificar as microviolências cotidianas no ambiente familiar funciona como um disparador essencial para a tomada de providências protetivas. Conforme ressaltado pelos participantes, existem múltiplas vias para a identificação precoce e prevenção da VCPI nas comunidades. O enfrentamento desse agravo pressupõe uma abordagem intersetorial, convocando a articulação entre o poder público, os meios de comunicação, o setor educacional e a Atenção Primária à Saúde (APS).

Consoante o explanado nos discursos, a descrença na eficácia estatal quanto à efetivação dos dispositivos legais protetivos constitui um sentimento amplamente compartilhado. Por conseguinte, a violência contra a pessoa idosa ultrapassa a dimensão individual ou estritamente familiar, consolidando-se como um problema de saúde pública e de estrutura social que exige respostas coletivas e institucionais articuladas do Estado (FLORENCIO; MEZZAROBÀ, 2026).

Tais estratégias devem contemplar desde campanhas de sensibilização coletiva sobre os direitos da pessoa idosa até a facilitação do acesso aos serviços de assistência social, previdência e redes jurídicas de proteção, visando reduzir as desigualdades sociais e assegurar a dignidade humana (MORAES et al., 2020).

Outrossim, a educação atua como um potente vetor de prevenção contra a VCPI. Salienta-se a relevância das ações de educação em saúde e cidadania, fundamentais para empoderar a pessoa idosa quanto aos seus direitos, estimular o protagonismo na denúncia de violações e capacitar as equipes de saúde para o reconhecimento e a notificação dos casos, fornecendo subsídios cruciais à formulação de políticas públicas mais assertivas e resolutivas (LOPES; D'ELBOUX, 2021).

Os achados sobre VCPI no Brasil reiteram a urgência de uma abordagem multifacetada para o seu enfrentamento. Cabe destacar a necessidade de que as estratégias de prevenção transcendam os fatores individuais de risco, incorporando as assimetrias sociais, raciais e educacionais que amplificam a vulnerabilidade para tal fenômeno. Paralelamente, consolidar políticas públicas voltadas ao fortalecimento das redes de apoio social, à segurança domiciliar e ao letramento em direitos, com vistas a assegurar a dignidade e o bem-estar do longo tempo, é de grande relevância para a interrupção do ciclo de violência. Ademais, sobressai a necessidade de aprimorar os sistemas de notificação compulsória e o registro dos agravos, viabilizando o dimensionamento confiável dos dados e subsidiando o direcionamento de intervenções mais assertivas e resolutivas (BERTULESSI et al., 2024).

As noções expressas na Classe 1 organizaram-se em torno do papel das autoridades de segurança pública, educação e saúde, ancorando-se na vertente preventiva. Os participantes assinalaram que toda a sociedade civil deve ser copartícipe no enfrentamento à violência contra o público longo tempo, conferindo especial destaque aos profissionais de enfermagem. A enfermagem ocupa uma posição estratégica e privilegiada na APS, uma vez que sua prática assistencial ocorre diretamente no território comunitário, favorecendo a construção de vínculos de confiança e proximidade com as famílias. Essa inserção territorial potencializa o suporte familiar e auxilia no monitoramento do cumprimento dos deveres éticos e legais para com o idoso usuário do serviço.

Ao ingressarem na terceira idade, os indivíduos percebem modificações substanciais em suas dinâmicas de vida, as quais podem culminar em desfechos desfavoráveis, tais como limitações físicas, subordinação social e isolamento. Depreende-se dos discursos que a instalação da dependência funcional torna o idoso mais vulnerável a maus-tratos, sobretudo quando a família carece de preparo técnico e suporte emocional para o exercício do cuidado. As percepções dos participantes revelam que as representações da VCPI estão fortemente ancoradas nas vulnerabilidades biológicas do envelhecer, embora os idosos enfatizem que tais limitações jamais justifiquem a perpetração de qualquer ato violento. O cumprimento rigoroso da legislação penal para os agressores e a veiculação de campanhas midiáticas educativas, inclusive, despontaram como ferramentas cruciais para a mitigação da vulnerabilidade social do longo tempo.

Evidencia-se que o processo acelerado de transição demográfica traz consigo repercussões complexas para o idoso e seu núcleo familiar. É possível notar, a partir dos relatos, os impactos da violência reverberam negativamente nos indicadores gerais de saúde e no bem-estar psicológico. A imagem social construída em torno desse objeto de estudo postula a necessidade premente de desconstruir a objetivação da velhice como um sinônimo compulsório de decrepitude e vulnerabilidade, transformando os valores societários vigentes.

Amparada em marcadores de ordem física e produtiva, a visão estereotipada sobre o idoso tende a excluí-lo e invisibilizá-lo a partir do momento em que a sua plena capacidade funcional declina. Esse processo

reforça preconceitos que padronizam o envelhecer como um estado inevitável de decadência corporal e laboral, em detrimento do reconhecimento de suas potencialidades e contribuições societárias. Torna-se imperativo, portanto, desconstruir os estereótipos atrelados à velhice para o efetivo combate ao etarismo (CANDIA; SANTOS, 2023), dirimindo também a violência advinda a partir de tal estigma.

Outro fator relevante concerne à dimensão da escolarização, haja vista que idosos menos escolarizados tendem a sofrer mais comumente situações de violência, demandando atenção especial por parte do poder público (BATISTA et al., 2026).

Por fim, o cenário histórico recente da pandemia de COVID-19 acentuou de forma dramática a percepção coletiva sobre a necessidade iminente de proteção, zelo e fortalecimento das redes de apoio formal e informal voltadas aos idosos. Paradoxalmente, o mesmo período histórico catalisou o afloramento do ageísmo discursivo e o incremento dos índices de violência doméstica decorrentes do isolamento social compulsório. Diante desse panorama, reforça-se a relevância do cuidado gerontológico de enfermagem na contemporaneidade, o qual deve atuar na ressignificação das ações de atenção integral ao idoso, promovendo sua autonomia e garantindo a defesa intransigente de seus direitos humanos fundamentais.

## 5 Conclusões

Os resultados deste estudo revelam que homens idosos representam a violência contra a pessoa idosa como um fenômeno complexo, cujas causas estão alinhadas às dimensões do modelo ecológico. As representações sociais identificadas encontram-se fortemente influenciadas por questões biológicas individuais, pelas relações estabelecidas ao longo da vida com a comunidade e com o entorno familiar, e pelas pressões do senso comum, que frequentemente desvaloriza o geronte. Paralelamente, a violência é significada como um agravo passível de prevenção por meio do engajamento social e da punição rigorosa dos agressores.

Destarte, constata-se que a rápida transição demográfica ocorrida no país ainda não foi acompanhada por uma transformação estrutural das representações sociais e das atitudes em relação à velhice, persistindo concepções estereotipadas e práticas de idadismo que marginalizam o idoso frágil. A ancoragem e a objetivação da violência na mente dos participantes estruturam-se ao redor do ciclo do agravo: suas manifestações práticas, seus perpetradores, seus fatores determinantes biopsicossociais e as estratégias necessárias para a sua erradicação.

Assim, o ambiente das relações intrafamiliares assume um papel central tanto na qualidade da atenção prestada quanto na gênese da vulnerabilidade do idoso. Compreender essas representações sociais torna-se indispensável para subsidiar a formulação de políticas públicas intersetoriais e ações assistenciais que posicionem o combate à VCPI como uma prioridade na agenda contemporânea.

Embora a literatura gerontológica discuta amplamente a violência contra a pessoa idosa sob uma perspectiva epidemiológica geral ou focada em vítimas do sexo feminino, esta pesquisa inova ao apreender o fenômeno a partir das representações sociais construídas exclusivamente por homens idosos inseridos no contexto comunitário. Ademais, o uso combinado do referencial teórico-metodológico das Representações Sociais com o processamento analítico multidimensional pelo software IRAMUTEQ permitiu mapear, de forma inovadora, como o imaginário masculino do senso comum correlaciona as vulnerabilidades biológicas do envelhecimento e o entorno familiar ao ciclo da violência, fornecendo subsídios originais para que os

---

profissionais de saúde e da enfermagem desenvolvam estratégias preventivas e de proteção mais assertivas e direcionadas às peculiaridades de gênero na terceira idade.

Em suma, os dados obtidos nesta pesquisa apontam para a necessidade premente de rastrear os preditores da violência, antecipar-se à ocorrência dos agravos e implementar melhorias substantivas na qualidade de vida da população idosa, resgatando o valor social do geronte. As ideias analisadas refletem a interferência do senso comum, que tende a rotular os indivíduos na terceira idade como intrinsecamente frágeis, tornando-os vítimas potenciais. Contudo, os participantes reforçaram o universo consensual ao reivindicarem a urgência de estratégias preventivas e educativas que minimizem os impactos desse fenômeno e assegurem o direito de envelhecer com dignidade. Conclui-se que a enfermagem desempenha um papel protagonista nesse processo, consolidando-se como a profissão do cuidado e o principal elo entre o serviço de saúde, o usuário e a comunidade na transformação da realidade social atual.

---

## Referências

- ALENCAR JÚNIOR, Fernando de Oliveira; MORAES, José Rodrigo de. Prevalência e fatores associados à violência contra idosos cometida por pessoas desconhecidas, Brasil, 2013. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v.27, n.2, p.e2017186, 2018.
- ANDRADE, F. M. D. et al.. Fatores associados ao autorrelato de violência contra a pessoa idosa: análise da Pesquisa Nacional de Saúde - 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 30, n. 4, p. e01692024, abr. 2025.
- BAJPAI, Naval et al. Getting the cues of elder abuse: an identification through dependency and modernization. *The Journal of Adult Protection*, v.22, n.3, p.119–139, 2020.
- BATISTA, F. de A. M. et al. Violência contra a pessoa idosa no Brasil: análise ecológica das denúncias em 2020 e 2023: *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, v. 16, 2026.
- BERTULESSI, L. P. Et al. Mortality related to aggression against the elderly in Brazil from 2000 to 2022: A population-based study. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 7, p. e12613746443, 2024.
- CAMACHO, A. C. L. F.; CALDAS, C. P.; MENEZES, H. F. de; ALVES, M. E. A.; MONTEIRO, P. P.; SAMPAIO, J. B. Denúncias de violência ao idoso no período de 2020 a 2023 na perspectiva da bioética. *Revista Caribeña*, v. 13, n. 3, p. e3780, 2024.
- CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, v.21, n.2, p.513-518, 2013.
- CANDIA, R. M.; SANTOS, J. W. Retratos da velhice: uma análise da representação do homem idoso nos livros didáticos de Matemática do Ensino Fundamental. *Educação Matemática em Revista*, v. 28, n. 79, p. 1–18, 2023.
- CRIPPA, Anelise et al. Violência contra pessoa idosa a partir da análise de boletins de ocorrência. *Sistema Penal & Violência*, v.8, n.2, p.220–230, 2016.
- DAMACENO, D. G. Et al. ELDERLY WOMEN’S LEADING ROLE IN REPORTING VIOLENCE: A GROUNDED THEORY. *Texto contexto - enferm.* 2024; vol. 33: p. e20230354.
- FLORENCIO, A. T. da C.; Mezzaroba, L. Violência Contra a Pessoa Idosa: desafios para a saúde pública e o papel da psicologia na promoção dos direitos humanos. *REASE* 2026, 12, 1-29.
- HAZRATI, Maryam et al. Screening for domestic abuse and its relationship with demographic variables among elderly individuals referred to primary health care centers of Shiraz in 2018. *BMC Geriatrics*, v.20, n. 1, p.1–8, 2020.
- LOPES, E. D. DE S.; D’ELBOUX, M. J. Violência contra a pessoa idosa no município de Campinas, São Paulo, nos últimos 11 anos: uma análise temporal. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 24, n. 6, p. e200320, 2021.
- MORAES, Claudia Leite de et al. Contributions to address violence against older adults during the covid-19 pandemic in Brazil. *Ciência & Saude Coletiva*, v.25, n.2, p.4177–4184, 2020.

---

MREJEN, M.; NUNES, L.; GIACOMIN, K. Envelhecimento populacional e saúde dos idosos: O Brasil está preparado? Instituto de Estudos para Políticas de Saúde, n. 10, 2023.

NERI, A. L. As características de saúde de octogenários recrutados em diferentes contextos evidenciam a heterogeneidade do envelhecimento. *Estud. Interdiscipl. envelhec*, Porto Alegre, 2023, vol. 28, P. 1-16.

RODRIGUES, Carolina Freitas do Carmo et al. Atividade sexual, satisfação e qualidade de vida em pessoas idosas. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v.21, n.5733, p.1–9, 2019a.

RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani et al. Violência contra mulheres idosas segundo o modelo ecológico da violência. *Avances en Enfermería*, v.37, n.3, p.275-283, 2019b.

SILVA, Daniel Vieira; POCAHY, Fernando Altair. Políticas públicas de saúde para pessoas idosas: tramas biopolíticas entre gênero e envelhecimento. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, v. 26, n. 1, p. 313-336, 2021.

SILVA, S. P. C. et al. Violência na velhice: representações sociais elaboradas por pessoas idosas. *Escola Anna Nery*, v. 27, e20220169, 2023.

SINHA, Debashree et al. Socio-economic inequality in the prevalence of violence against older adults – findings from India. *BMC Geriatrics*, v.21, n.1, p.1–12, 2021.

VERAS, R. P. Modelo assistencial contemporâneo para os idosos: a premência necessária. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 27, p. e240038, 2024.

VERAS, R. P. Urgência da gestão de saúde para os idosos: doenças agudas versus doenças crônicas. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 28, p. e250148, 2025.

YON, Yongjie et al. Elder abuse prevalence in community settings: a systematic review and meta-analysis. *Lancet Glob Health*, v.5, n.2, p.e147-56, 2017.

Submissão: 15/12/2021

Aceite: 05/07/2026

Como citar o artigo:

SILVA, Susanne Pinheiro Costa et al. Homens idosos e violência na velhice: um estudo de representações sociais. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 31, e 2316-2171, 2026. DOI: 10.22456/2316-2171.141500